

HOWARD BARKER | *Lot and his God*, 2012

TRADUÇÃO | **CONSTANÇA CARVALHO HOMEM**
ENCENAÇÃO | **CONSTANÇA CARVALHO HOMEM**
JOÃO CARDOSO

ESPAÇO E FIGURINOS | **SISSA AFONSO**
LUZ | **NUNO MEIRA**
SONOPLASTIA | **FRANCISCO LEAL**

INTERPRETAÇÃO | **JOÃO CARDOSO**
PEDRO FRIAS
PEDRO QUIROGA CARDOSO
ROSA QUIROGA

OPERAÇÃO DE SOM E LUZ | **JOÃO CARVALHO**

FOTOGRAFIA | **ANTÓNIO ALVES**
IMAGEM GRÁFICA | **SISSA AFONSO**
CONSTRUÇÃO E MONTAGEM DE CENA | **TUDO FAÇO**
PRODUÇÃO EXECUTIVA | **MARTA LIMA**

PRODUÇÃO | **ASSÉDIO**

AGRADECIMENTOS:

ACARO/CONTAGIARTE

António Alves
António Rui Reis
Cila Cabeleireira
Diana Roquette
Elisabete Leão
Ernesto Costa
Fátima São Simão
Filipe Pinheiro
Maria João Teixeira
Rosa Martelo
Rui Oliveira
Rui Simão

O nosso agradecimento especial a **Ana Monteiro e Pedro Ferreira**,
alunos de Teatro da Escola Superior de Artes e Design - Leiria e estagiários
nesta produção.

M14

Duração aproximada: 65 minutos



CONTACTOS

BILHETEIRA | telef. 91 664 33 50
ASSÉDIO | Associação de Ideias Obscuras
www.assedioteatro.com.pt
assedio@assedioteatro.com.pt

SALA DE BOLSO
Rua de miragaia, 61
Porto

SALE
MiraGaia 61
BOLSO

assédio
Associação de Ideias Obscuras

Estrutura financiada por:



Porto.





Muito mais que a quatro mãos, o êxtase de Lot

Muito mais do que uma co-encenação, o trabalho que apresentamos é um encontro. Um encontro, porventura não marcado, mas um encontro de cumplicidades artísticas e pessoais. Com percursos muito diversos no panorama teatral, eu e a Constança juntamo-nos à volta de Barker, numa unidade de esforços artísticos e num sistema de vasos comunicantes que é a própria ASSÉDIO, para dar a conhecer mais uma aproximação ao universo peculiar deste autor que nos apaixona.

Alguém me dizia há algum tempo atrás que já não tinha disponibilidade para uma co-encenação, que abdicar das suas ideias era uma coisa com a qual não tencionava perder o seu tempo. Eu digo que é um prazer e um desafio redobrados construir este projecto em parceria, em cumplicidade e discussão com a Constança. A solidez do seu conhecimento, as referências estruturantes sobre o Barker, trouxeram um valioso contributo a esta produção.

Este colectivo experiente na prática teatral à volta das dramaturgias contemporâneas que é a ASSÉDIO, conta com a partilha activa, generosa e emotiva da equipa que temos vindo a alicerçar, o Frias, o Francisco, a Marta, o Nuno, a Rosa e a Sissa, sem os quais o nosso caminho não seria tão sólido e tão consistente.

Há vinte anos atrás fazia a minha primeira encenação no TEP, um texto do saudoso Manuel António Pina que dediquei ao meu filho, e hoje é com alguma emoção que me encontro a contracenar com ele.

agora achas que sou um sentimental achas que o idiota...

Sim, sim, é verdade que sou um sentimental, mas não terá sido isso o que me fez aproximar do Teatro?

João Cardoso



O grande temor

Howard Barker nasceu em Londres em 1946. Revelado no Royal Court no início dos anos 70, e com um historial de colaborações felizes com a Royal Shakespeare Company e outras estruturas, Barker viria a ocupar o lugar de autor proscrito no seu próprio país. O desejo de refundação de uma forma trágica liberta da função conciliatória e de preocupações humanistas afastou-o dos principais palcos ingleses e votou-o à incompreensão de grande parte dos críticos, a ponto de afirmar: "I do not know the theatre and the theatre does not know me". Entre 1988 e 2007, viveu aquilo a que podemos chamar um exílio dourado - era o único dramaturgo inglês a reunir um ensemble de actores exclusivamente dedicado ao seu repertório. No interior da Wrestling School, assumiu um papel cada vez mais relevante na mediação da sua obra, assinando em nome próprio ou sob pseudónimo a cenografia, os figurinos, o desenho de luz, a sonoplastia, a fotografia de cena e até a encenação. Desde então, e com o termo do financiamento público à companhia, as escassas produções de textos seus acontecem sobretudo com a cumplicidade de alguns círculos académicos e escolas de teatro. A histórica excepção a este panorama foi *Scenes from an Execution* no National Theatre, em 2012, quase uma homenagem póstuma em vida por parte de uma instituição que sistematicamente lhe fechou as portas.

O que podemos esperar do seu teatro? O atrevimento de resgatar as ficções que constroem a identidade europeia e de reiterar a sua espantosa potência, recusando embora os impedimentos morais dos seus escribas. Por outro lado, um teatro de ambição literária (persistentemente publicado, mesmo se nunca posto em cena) assente num registo de língua onde o grão idiomático soçobra perante a voz do autor. De facto, Barker contraria uma tendência fortíssima do teatro britânico, e que orientou as principais vagas de dramaturgos emergentes no pós-guerra, a de aproximar o texto dramático da língua falada e/ou do registo documental. Também a este nível, Barker suspeita do princípio de identidade e aproxima-se antes da prescrição de um registo elevado que caracterizou a tragédia clássica. A sofisticação linguística e retórica do seu teatro serve ainda um fenómeno habitualmente mais apanágio do romance do que do teatro, o *insight*. É que as suas personagens habitam um território anómalo do ponto de vista da psicologia: a experiência vivida é sucessivamente interrompida pela análise desse plano vivido, com tal fervor e acuidade que me parece possível falar-se de um lirismo da consciência. Este deslizar entre a acção e o distanciamento crítico - sem resvalar para um distanciamento brechtiano que suscite a aparição do actor - exige dos intérpretes os seus melhores recursos retóricos e a maior vigilância. E a quem dirige, o texto pede permanente modéstia, suficiência.

Ao investigar a história da mulher de Lot em *Lot e o Deus dele*, os motivos de Barker não parecem muito diferentes dos que o levam à investigação de Gertrude e à reescrita de *Hamlet em Gertrude - the Cry*, de 2002. Em ambos os casos, há uma perplexidade do autor perante o juízo subjacente a estas histórias. Estas figuras femininas, mercedoras de castigo em virtude de uma sexualidade descontrolada, imprópria para a idade e ameaçadora da *res publica*, ou da *res divina*, em Barker surgirão a outra luz. Darão corpo a uma conjugalidade transgressora que as anima tanto quanto vítima, e o que nelas existe de premeditação é contrabalançado por uma espécie de infância de sentimento, uma flutuação no interior do espartilho. Se o grande tema barkeriano é o amor, e julgo que é seguro dizê-lo, pensemos então num amor que nos nega qualquer consolo maniqueísta: torto e vertical, primitivo, tectónico, criminoso - o amor de virgens erectos, maridos chulos e prostitutas dignas. Ideias obscuras? Estamos em casa.

Constança Carvalho Homem

